

Artigo recebido em:  
06.08.2018  
Aprovado em:  
14.02.2019

**Paula de Souza Paes**

Professora visitante da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre e doutora pela Université Grenoble Alpes, França. Ganhou o prêmio de tese em 2015 pela Escola Doutoral da Université Grenoble Alpes.

E-mail: paulasouzapaes@gmail.com

**Denise Cogo**

Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP (Escola Superior de Propaganda e Marketing), onde coordena o grupo de pesquisa Deslocar - Interculturalidade, cidadania, comunicação e consumo (<https://deslocar3ci.wordpress.com/>). Pesquisadora ID do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

E-mail: denise.cogo@espm.br

Estudos em Jornalismo e Mídia  
Vol. 16 N° 1  
Janeiro a Junho de 2019  
ISSNe 1984-6924

# Jornalismo e diversidade étnico-cultural no contexto francês: uma análise das políticas de regulação do Conselho Superior de Audiovisual

Paula de Souza Paes  
Denise Cogo

## Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar as limitações que dificultam a presença de minorias, especialmente as de origem migratória, nas redações de jornais franceses no contexto das políticas públicas de regulação desenvolvidas pelo CSA (*Conselho Superior de Audiovisual*) que visam privilegiar a diversidade étnico-cultural nos meios de comunicação. A metodologia baseia-se em uma análise empírica que se desenvolve a partir de dois eixos: o primeiro aborda a percepção que os jornalistas têm sobre o tratamento da diversidade étnico-cultural, por meio da análise das atividades da *Fundação Franco-Americana* voltadas para a diversidade. A Fundação é responsável por criar colóquios internacionais sobre o tratamento midiático da imigração e o Prêmio “Jornalismo da Imigração”. O segundo aborda a presença dos jornalistas de origem imigrante nas redações a partir de entrevistas semiestruturadas. As experiências desses profissionais revelam a tensão entre o imaginário social midiático e as políticas de apoio à diversidade.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Diversidade étnico-cultural. Regulação midiática. França.

## Journalism and ethnic-cultural diversity in France: the analysis of a regulation policy developed by Audiovisual Superior Council

### Abstract

This paper analyzes the limitations that make difficult the minorities presence inside the French newspapers, especially those from a migratory origin. It's studied looking at the regulation public policies developed by CSA (*Audiovisual Superior Council*), which support ethnic and cultural diversity in the media. The methodology is based in a empirical analysis developed from two axes: the first one approaches the journalist perception about ethnic and cultural diversity analyzing the *Franco-American Foundation* diversity activities. This Foundation creates international events about the media treatment when the immigration is the subject and it also created the “Immigration Journalism Award”. The second one discuss the presence of immigrated journalists inside the newsrooms, using semi-structured interviews. These professional experiences reveal the tension between the social media imagery and the policies that support diversity.

**Key words:** Journalism. Ethnic-cultural diversity. Media regulation. France.

**N**esse artigo propomos uma análise das limitações relacionadas à presença de minorias, especialmente aquelas de origem migratória nas redações de jornais franceses no contexto das políticas públicas de regulação desenvolvidas pelo CSA (Conselho Superior de Audiovisual) que visam privilegiar a diversidade étnico-cultural nos meios de comunicação. A partir da interface teórica entre jornalismo e diversidade étnico-cultural, desenvolvemos uma análise empírica baseada em uma abordagem metodológica qualitativa que se desenvolve em torno de duas perspectivas. Uma primeira perspectiva focaliza a percepção que os jornalistas têm sobre o tratamento da diversidade étnico-cultural por meio da reflexão sobre as atividades orientadas à diversidade promovidas pela *Fundação Franco-Americana*, responsável por criar colóquios internacionais sobre o tratamento midiático da imigração e o Prêmio “Jornalismo da Imigração”. Essa primeira perspectiva é fundamentada através de pesquisa documental. Foi realizado levantamento de documentos sobre as atividades da Fundação Franco-Americana, como o relatório publicado em 2011 com recomendações aos profissionais do jornalismo que lidam com o tema imigração, e de matérias jornalísticas publicadas entre 1985 e 2011, a partir de pesquisa no “Museu Nacional da História de Imigração” em Paris e no acervo do jornal *Le Monde*, como explicaremos a seguir. Além disso, acompanhamos o lançamento do Prêmio “Jornalismo da Imigração”, em 2010, pela Fundação através do seu site e entrevistamos o responsável pela criação do Prêmio, o diretor de projetos, Thibault Chareton.

Uma segunda perspectiva aborda a presença dos jornalistas de origem imigrante nas redações a partir de dados obtidos em entrevistas semi-dirigidas com jornalistas, buscando evidenciar a tensão entre o imaginário social midiático e as políticas de apoio à diversidade.

### Contextualização teórico-metodológica

Refletir sobre a questão da diversidade no jornalismo consiste em questionar não só as representações dessa diversidade nas produções jornalísticas, mas, principalmente, o lugar das minorias na própria prática do jornalismo contemporâneo. Este artigo aborda essa última dinâmica a partir do contexto francês e propõe uma reflexão que leva em conta tanto medidas de regulação da mídia em nome da promoção da diversidade étnico-cultural, quanto as experiências dos jornalistas em relação ao lugar das minorias nas redações.

A questão da diversidade no exercício do jornalismo tornou-se objeto de interesse a partir da pesquisa de doutorado em que foi abordada a midiática da imigração na França entre 1980 e 2010. Durante o percurso da pesquisa doutoral, observou-se a criação de diferentes iniciativas que visavam refletir sobre o lugar da diversidade nas redações dos jornais tradicionais na França e questionar as limitações que dificultam o exercício do jornalismo de maneira mais democrática. Uma dessas iniciativas diz respeito às medidas elaboradas pelo Conselho Superior de Audiovisual (CSA), órgão criado em 1986, para garantir a liberdade de comunicação audiovisual na França a partir da extinção gradual do monopólio público no setor audiovisual desencadeado no final dos anos 1960. Com a lei pela “Igualdade de Oportunidades”, criada em 2006, várias medidas foram implementadas, como a nomeação, em 2009, de um responsável pela diversidade e integração nos grupos da *França Televisão* (*France télévisions*) e *RádioFrança*<sup>1</sup>; e a criação, em 2007, do Observatório da Diversidade para assegurar a representação da diversidade nos meios audiovisuais.

A primeira reflexão lançada pelo Observatório foi sobre a representação das periferias na televisão como parte da luta contra os estereótipos que dominavam essas representações. Essa iniciativa levou à realização de um estudo sobre a representação da diversidade (cultural e de gênero) na televisão desenvolvido por Eric Macé, professor de sociologia, em parceria com o Instituto Nacional de Audiovisual (Inathèque)<sup>2</sup>. Em cada transmissão, foram analisadas todas as pessoas e personagens

<sup>1</sup>O responsável da Rádio França, Jean-Luc Aplogan (de origem beninense), é responsável por propor iniciativas e observar sua implementação dentro da organização Radio France, dentre as quais, a diversificação da origem dos jornalistas a partir de um trabalho coletivo feito em colaboração com escolas de jornalismo na adoção de contratos de aprendizagem para promover a diversidade.

que tiveram espaço de fala. Em 2008, Macé publicou os resultados da sua análise, observando, por exemplo, que gêneros como a publicidade e a ficção seriam menos favoráveis à diversidade do que a informação (como nos telejornais, por exemplo). E, ainda, que as ficções francesas seriam menos diversificadas do que aquelas produzidas nos Estados Unidos e veiculadas na França (MACE, 2008)<sup>3</sup>.

<sup>3</sup><http://inatheque.ina.fr/>.

<sup>3</sup>Pertinente lembrar que em 1999 um primeiro estudo quantitativo foi realizado pelo CSA sobre a presença das “minorias visíveis” nos canais tradicionais de televisão.

<sup>4</sup>O anúncio oficial da criação da associação foi feito em 1976, durante um jantar em Washington no qual o presidente dos Estados Unidos Gerald Ford e o presidente francês Valéry Giscard d’Estaing estavam presentes. A associação nasceu sob o impulso de políticos e acadêmicos. Ela possui uma filial em Paris e Nova York.

<sup>5</sup>Disponível em: <http://french-american.org/index.php/front-page-2/qui-sommes-nous/>. Acesso em: 25 de março de 2018.

<sup>6</sup>*L’actualité est notre monde commun tel qu’il est proclamé par les médias : mais ceux-ci ne se contentent pas de sélectionner dans l’expérience ce qui leur paraît devoir être placé sous le regard de la communauté. Chacun d’entre eux exprime les valeurs d’un style de vie et manifeste les rapports entre classes de la façon dont ils lui apparaissent. Choix d’un monde commun et définition de l’espace social accompagnent inévitablement le travail des médias.*

Outra iniciativa vinculada à relação entre diversidade e jornalismo derivado trabalho realizado pela Fundação Franco-Americana (French-American Foundation)<sup>4</sup> no âmbito do tratamento midiático da imigração. A Fundação organizou dois colóquios internacionais sobre práticas jornalísticas em países europeus e nos Estados Unidos voltados para o tema. O primeiro aconteceu em Paris em novembro de 2009 e, o segundo, em Miami em maio de 2010. Após as conferências, a associação publicou um relatório com “as principais recomendações” aos profissionais do jornalismo que lidam com esse tema, com destaque para a questão da diversidade relacionada à origem dos jornalistas<sup>5</sup>. O relatório resume as discussões que ocorreram entre os profissionais da mídia durante as conferências organizadas pela associação. Os resultados desse relatório são objeto de análise deste artigo, uma vez que retratam como a diversidade opera no dia a dia e, dessa forma, permite questionar como as medidas estabelecidas pelo CSA no contexto francês se aplicam (ou não) na prática.

Diferentes pesquisadores abordam a influência da lógica econômica no exercício do jornalismo, assim como outras limitações que pesam no trabalho dos jornalistas, dificultando a prática de um jornalismo que contemple a pluralidade presente na vida social. Erik Neveu (2009) é um desses pesquisadores. Em seu livro intitulado *Sociologia do Jornalismo*, ele salienta que a produção de informação revela uma rotina que se traduz por interpretações preestabelecidas e que dão sentido a um saber “em que se misturam memórias profissionais, conhecimento difuso do tema e estereótipos do senso comum” (NEVEU, 2009, p. 67). Sedel (2007) e Champagne (1991) reforçam essa perspectiva, buscando evidenciar o papel do jornalismo na definição de problemas públicos que são associados diretamente a imigrantes e descendentes, como insegurança nas periferias. A pesquisadora Annie Collovald (1991) aborda também como a produção de informações sobre imigração se desloca, a partir dos anos 1980, em direção a problemas supostamente causados por esses atores nas periferias francesas.

Mas, para além de memórias e estereótipos, o trabalho da mídia diz respeito a um “imaginário social” que, na definição do filósofo Cornélius Castoriadis (1975), é um modo de organizar e ao mesmo tempo atribuir sentido às práticas sociais. O imaginário é, portanto, um modo apropriado de uma sociedade pensar, agir, olhar o mundo e a si mesma. A noção de imaginário permite, dessa forma, afirmar que cada sociedade constitui o “real” e o seu “real” em um dado momento. Os jornalistas participam dessa dinâmica, selecionando, entre várias experiências, aquelas que devem ser destacadas e constituir a atualidade jornalística. Nesse sentido, nos referimos a um “imaginário social da mídia” que consiste em tornar nosso mundo comum – ao tornar públicas as experiências que nos cercam –, mas também tornar visível o espaço social (BOURDIEU, 1984), isto é, o estado das relações entre os indivíduos no mundo, seus diferentes modos de vida e as relações entre as classes. Como resume o pesquisador francês, Jean-Pierre Esquenazi (2002):

*A atualidade é o nosso mundo comum tal como é proclamado pelas mídias: mas elas não se contentam em selecionar da experiência o que lhes parece dever estar sob os olhos da comunidade. Cada uma delas expressa os valores de um estilo de vida e manifesta as relações entre as classes da maneira como elas lhes aparecem. Escolher um mundo comum e definir o espaço social acompanham inevitavelmente o trabalho das mídias<sup>6</sup> (ESQUENAZI, 2002, p. 45, tradução nossa).*

Dessa forma, a noção de imaginário dá sentido às práticas profissionais dos jornalistas. O jornalismo colabora na construção de certas representações sociais de indivíduos, incluindo imigrantes e descendentes de imigrantes, e que dizem respeito ao lugar ocupado por esses indivíduos na estrutura social de uma determinada sociedade.

No contexto francês, por exemplo, o “imigrante”<sup>7</sup> é mais presente em bairros localizados nas periferias do que os franceses filhos de pais franceses.

Além disso, o interesse pelo trabalho da associação *French-American Foundations* e explica também por ela ser responsável pela criação do Prêmio “Jornalismo da Imigração”, em 2010, orientado a profissionais que trabalham, no mundo todo, com essa temática. Uma das ganhadoras do prêmio foi a jornalista francesa do *Le Monde*, Elise Vincent, que, na época, era considerada como jornalista especializada no tema da imigração nesse jornal. O artigo premiado – também publicado no site do jornal inglês *The Guardian* – abordava o investimento feito por magrebinos<sup>8</sup> em negócios de panificação na França (VINCENT, 2012)<sup>9</sup>.

A partir dessa perspectiva, considerou-se pertinente entrevistar jornalistas para confrontar a questão da diversidade étnico-cultural nas experiências desses profissionais da mídia. O interesse surgiu principalmente após a publicação de um artigo, detalhado mais a frente, escrito por Mustapha Kessous<sup>10</sup>, em 2009, no *Le Monde*, em que relembra situações de discriminação que sofreu como repórter em função de suas origens argelinas. Foram entrevistados, ao longo de 2011 e 2012, um total de 18 jornalistas que atuavam em rádio, televisão e mídia impressa<sup>11</sup>. Neste artigo, analisamos os dados das entrevistas realizadas com dois desses profissionais (Philippe Bernard e Laurent Gallien) que abordam principalmente a questão da diversidade. Na escolha dos jornalistas entrevistados, foi considerada a especialização desses profissionais e sua relação com o “local”: Philippe Bernard é considerado até hoje o jornalista especializado no assunto no *Le Monde*. Ele tem três livros publicados sobre o tema da imigração (*Imigração e as questões da integração*, em 1998; *A imigração: um desafio mundial*, em 2002 e *A nata dos árabes: da imigração à integração*, em 2004). Já o jornalista Laurent Gallien foi escolhido por trabalhar em uma rádio local na cidade de Grenoble, a *Rádio France Bleue*. Durante a entrevista, pudemos observar a relação da rádio e de Gallien com a realidade local, principalmente do jornalismo com as periferias.

Importante pontuar que, na França, muitos jornalistas se dizem especialistas no tema da imigração, tendo em vista que esse tema costuma ser focalizado em editorias específicas, a exemplo da política, da saúde, entre outros. Essa observação indica também a institucionalização da temática no campo midiático francês (DE SOUZA PAES, 2014). Além desses jornalistas, entrevistamos também o diretor de projetos da Fundação Franco-Americana (*French-American Foundation*), Thibaut Chareton.

Como procedimento metodológico complementar, foram coletadas matérias jornalísticas sobre o tema imigração de 1985 a 2011, a partir de pesquisa no “Museu Nacional da História de Imigração” em Paris e no acervo do jornal *Le Monde*, o que nos permitiu uma aproximação ao tratamento público da imigração em um período mais amplo do que o abordado na pesquisa. Uma matéria em especial desse levantamento é referida na análise aqui proposta por retratar a questão da diversidade sob o olhar de um jornalista do jornal *Le Monde* e suas dificuldades para exercer a profissão.

Em uma primeira parte da análise, abordamos a percepção que os jornalistas têm sobre o tratamento da diversidade étnico-cultural na mídia francesa por meio de duas iniciativas elaboradas pela *French-American Foundation*: o relatório que sistematiza as experiências de jornalistas de diferentes países sobre o tratamento midiático da imigração; e o Prêmio “Jornalistas da Imigração” cujo objetivo é promover um trabalho investigativo sobre o tema. Essas iniciativas são pertinentes para análise porque dialogam com as políticas pela diversidade criadas pelo Conselho Superior do Audiovisual (CSA). Os dados obtidos na entrevista realizada com o diretor de projetos da Fundação, Thibault Chareton (CHARETON, 2011) operam como complementares à análise ao permitirem evidenciar as motivações dessa instituição e seu posicionamento em relação ao tratamento midiático da imigração.

Em uma segunda parte da análise, focalizamos as limitações que pesam no processo de diversificação étnico-cultural dos profissionais das redações como é o caso, por exemplo, da contratação de jornalistas. Para isso, os dados das entrevistas com esses profissionais que relatam suas experiências, são confrontados às políticas

<sup>7</sup>Citamos aqui a definição oficial do termo imigrante elaborada pelo Alto Conselho da Integração (Haut Conseil de l'Intégration): “imigrante é uma pessoa nascida estrangeira no exterior e residente na França”. Disponível em: <http://archives.hci.gouv.fr/-Mots-de-l-integration-.html>. Acesso em: 26 de julho de 2018. Usamos aspas para indicar nosso distanciamento em relação a essa definição. É importante lembrar que o termo “descendente de imigrante”, embora questionado por muitos ativistas, movimentos migratórios e mesmo acadêmicos, é definido pelo Insee (Instituto Nacional da Estatística e de Estudos Econômicos) da França como: “É descendente de imigrante qualquer pessoa nascida na França que tenha o pai ou a mãe imigrante”. Disponível em: <https://www.insee.fr/fr/metadonnees/definition/c1676>. Acesso em: 26 de julho de 2018.

<sup>8</sup>Pessoa originária ou moradora do Magrebe, região do Norte da África.

<sup>9</sup>O prêmio de 2017 já foi ofertado. Para mais informação: <https://frenchamerican.org/event/2017-immigration-journalism-awards-ceremony/>. Acesso em: 29 de abril de 2018.

<sup>10</sup>Foram usadas palavras-chaves na busca por artigos, como, por exemplo: imigração e jovens imigrantes.

<sup>11</sup>France Inter, France Bleue Isère, France 3, Télé Grenoble, Dauphiné Libéré, Le Monde, Libération e AFP (Lyon e Paris). Entretanto, escolhemos dois deles que teceram críticas à questão da diversidade nos meios de comunicação.

adotadas nas redações. Essa segunda parte abrange reflexões sobre a presença dos jornalistas de origem imigrante nas redações e os questionamentos decorrentes da diversificação étnico-cultural, como os processos de estereotipação do francês descendente de imigrantes.

### **Mídia e limitações da diversidade étnico-cultural**

A falta de diversidade étnico-cultural nos meios de comunicação franceses é percebida pelos próprios profissionais que atuam nas mídias, conforme evidenciaram os dois colóquios internacionais organizados pela Fundação Franco-Americana (*French-American Foundation*) em 2009 e 2010, que tinham por objetivo promover uma reflexão sobre o tratamento midiático da imigração com a participação de jornalistas europeus e norte-americanos. Os principais pontos debatidos nessas conferências foram publicados em um relatório em 2011 (MEDIA, 2011). No documento, esses profissionais destacam as grandes dificuldades que enfrentam na produção de informações sobre a imigração, assim como propõem mudanças no processo produtivo que envolve a temática migratória. A necessidade de diversidade de origem dos profissionais na redação é, segundo aparece destacado no documento, uma das propostas que contribuiu para a prática de um jornalismo mais plural. Os jornalistas que participaram das conferências afirmam que a mídia “tradicional” (impressa, televisão, rádio) deve tomar medidas em favor da diversidade, convergindo com a percepção de que uma redação diversificada é capaz de melhor refletir a constituição étnico-cultural da sociedade. Os profissionais defendem, ainda, que a promoção da diversidade seja assumida como uma prioridade pelas organizações midiáticas.

Essa falta de diversidade em um jornal não se restringe à origem e à cultura dos jornalistas relacionadas, por exemplo, a seu local de nascimento e o de seus pais. Também há desigualdades de gênero que podem ser evidenciadas nas posições profissionais menos importantes frequentemente ocupadas por mulheres. No entanto, estamos interessados na “diversidade” relativa à origem dos indivíduos, especialmente porque, na França, um quarto dos franceses tem pelo menos um avô de origem estrangeira. Os descendentes de imigrantes são mais numerosos do que os imigrantes na França: 6,7 milhões deles nasceram na França e são descendentes diretos de imigrantes. Essa característica é singular no país em comparação com outros contextos nacionais europeus: a proporção de descendentes de imigrantes entre a população francesa residente é uma das mais altas da Europa (BOUVIER, 2012).

Nessas conferências, o principal enfoque foram as práticas jornalísticas próprias aos diferentes países de procedência dos participantes, como os Estados Unidos (*The New York Times*, *The Wall Street Journal*), o Canadá (*Radio Canada International*), a Alemanha (*Der Spiegel*), a Inglaterra (*BBC World Service*), a Itália (*Corriere Della Sera*), a Espanha (*ABC Madrid*), a França (*Le Figaro*, *Le Parisien / Aujourd'hui na França*, *Beur FM*, *Beur TV*, *20 minutos*, *AFP*), entre outros. Além de professores e acadêmicos, cerca de 60 jornalistas, na sua maioria vinculados à mídia impressa, também compareceram às conferências. Os cargos ocupados pelos participantes eram variados e incluíam, dentre outros, responsáveis pela editoria de economia, repórteres, correspondentes que levantaram questões comuns à sua prática profissional, especialmente aquela que diz respeito ao recrutamento de jornalistas – através da exigência de mais diversidade na redação e ao escasso contato dos jornalistas com as comunidades de imigrantes e com as chamadas mídias das periferias. As limitações das mídias tradicionais em relação à diversidade servem de apoio aos argumentos dos participantes das conferências sobre o caráter das “novas” mídias que surgem em meados dos anos 2000 na perspectiva de proporem uma “outra” maneira de fazer jornalismo, ou seja, das chamadas mídias de periferias, como o *Bondy Blog*, um site de informação sobre as periferias francesas<sup>12</sup>.

De acordo com o diretor de projetos (CHARETON, 2011) da Fundação, a ideia de criar um prêmio denominado de “Prêmio Jornalismo da Imigração” e

uma bolsa de estudos para cursar jornalismo surgiu como resultado dessas conferências. A Fundação Franco-Americana argumenta que o tema imigração “fascina” a mídia, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, mas que a crise econômica impede um tratamento profundo dessa temática.

*A questão da imigração é um dos primeiros temas que sofre com esta crise, porque não há dinheiro suficiente para realmente tratar em profundidade assuntos, enquanto a imigração é realmente um tema que requer um verdadeiro trabalho de profundidade, de um verdadeiro conhecimento, uma verdadeira pesquisa, um verdadeiro trabalho de investigação [...] Então, sim, é realmente uma constatação de que há necessidade de uma melhoria do jornalismo sobre este tema*<sup>13</sup> (CHARETON, 2011, tradução nossa).

O peso da economia nas práticas jornalísticas é enfatizado pelo diretor de projetos como o fator que influencia a produção de informações sobre imigração. A falta de recursos, segundo ele, explica o tratamento jornalístico superficial que enfoca os aspectos muito visíveis e com viés sensacionalista. Daí que o objetivo do prêmio residiria em encontrar histórias interessantes que abordem de forma inovadora o tema da imigração, com foco na coleta de histórias de vida. Para sua primeira edição do Prêmio, a Fundação Franco-Americana recebeu cerca de 160 candidaturas<sup>14</sup>.

O relatório da Fundação Franco-Americana, disponível no site da organização<sup>15</sup>, também fornece algumas orientações que visam contornar essa ausência de diversidade étnico-cultural nas organizações. Uma primeira orientação é baseada na proposta de recrutamento de repórteres de origem imigrante, mas não apenas para assumir a cobertura do tema imigração ou a integração de populações estrangeiras. O relatório da associação assinala que as organizações midiáticas, muitas vezes, contratam profissionais estrangeiros para tratar exclusivamente dessas questões, enfatizando que ter uma origem estrangeira não deve ser obrigatório para abordar a temática das migrações, uma vez que qualquer jornalista deveria ser capaz de lidar com qualquer temática. O relatório postula, ainda, que ter uma redação com pessoas de diferentes origens étnico-culturais traria novas perspectivas para o trabalho jornalístico de maneira geral, como ilustra a passagem abaixo:

*Repórteres de origem imigrante devem ser reconhecidos pelo valor que agregam à redação, porque podem oferecer suas próprias ideias e novas perspectivas sobre histórias de imigração, bem como sobre outros tópicos. No entanto, como um participante afirmou: “Deve ser uma meta para qualquer redação ser tão diversificada quanto possível, e não apenas para a cobertura da imigração”. Os participantes tiveram o cuidado de afirmar que ser de origem imigrante não é de forma alguma necessário para ser um repórter capaz de imigração*<sup>16</sup> (MEDIA, 2011, p. 18, tradução nossa).

As observações contidas nesse relatório vão ao encontro das políticas pela diversidade nos meios de comunicação implementadas pelo Conselho Superior do Audiovisual (CSA) na França. Com a lei “Igualdade de Oportunidades”, em 2006, várias decisões são implementadas, como a criação do Observatório da Diversidade. Em 2007, a fim de assegurar a representação da diversidade nos meios audiovisuais, foi criada a figura de um representante da diversidade e integração no âmbito dos grupos *France Télévisions* e *Radio France*, seguido pelo estabelecimento, em 2009, de um comitê para a diversidade dos canais públicos, com objetivo de que eles sejam “a televisão de todos os franceses”<sup>17</sup>. Nessa mesma época, foi assinada, ainda, por organizações do audiovisual (*TF1, Radio France, NRJ Group, Europe 1, Groupe RTL, M6, Endemol France, Arte France, la chaîne Gulli et Direct 8...*) e da mídia impressa (*Le Monde, Libération, Le Progrès*), a Carta pela Diversidade, com a finalidade de integrar a diversidade em sua força de trabalho e em sua programação.

Em 2009, através de medidas instauradas por meio de um decreto pela *France Télévisions*, é firmado também um compromisso com a população estrangeira. No capítulo II intitulado “Uma televisão de serviço público responsável e aberta à sociedade”<sup>18</sup>, o artigo 37 estabelece a luta contra a discriminação e a representação

<sup>12</sup>Os assuntos abordados pelo blog enfocam o departamento de Seine-Saint-Denis (e os municípios que fazem parte dele) e abrangem temas como discriminação, pobreza, moradia etc. Assim, o blog é uma mídia dedicada aos problemas específicos de alguns subúrbios, mas especialmente traz o olhar dos habitantes desses municípios sobre as notícias em geral. O Bondy Blog desempenha o papel da imprensa regional: um jornalismo “local”, de “proximidade”. Disponível em: <https://www.bondyblog.fr/>.

<sup>13</sup>No original: *La question de l’immigration est l’un des premiers sujets qui souffre de cette crise parce qu’il n’y a plus suffisamment d’argent pour faire vraiment des sujets en profondeur alors que l’immigration, c’est vraiment un sujet qui nécessite un vrai travail de profondeur, de vraies connaissances, une vraie recherche, un vrai travail d’investigation, en fait... Donc oui, c’est vraiment un constat qu’il y a besoin d’une amélioration du journalisme sur ce thème.*

<sup>14</sup>No processo de inscrição, não há restrições quanto à nacionalidade dos candidatos. O programa concentra-se na qualidade do trabalho jornalístico realizado, na perspectiva de sua contribuição a um debate global sobre imigração. Os vencedores recebem 10 mil dólares. As informações relativas ao prêmio foram retransmitidas pelos sites das principais escolas de jornalismo na França.

<sup>15</sup>Disponível em: <http://frenchamerican.org/equality-opportunity>. Acesso em: 25 de março de 2018.

<sup>16</sup>*Reporters from immigrant backgrounds should be recognized for the value they add to the newsroom, because they can offer their own insights and new perspectives on immigration stories as well as on other topics. Nevertheless, as one participant asserted, "It should be a goal for any newsroom to be as diverse as possible, and not solely for the coverage of immigration." Participants were careful to make the point that being from an immigrant background is in no way necessary for being a capable reporter on immigration.*

<sup>17</sup>Disponível em: <http://www.ftv-diversite.fr/index.php/france-televvisions-et-la-diversite.html>. Acesso em: 26 de julho de 2018.

<sup>18</sup>Disponível em: <http://www.csa.fr/Television/Les-chaines-de-television/Les-chaines-hertziennes-terrestres/Cahier-des-charges-de-France-Televvisions>. Acesso em: 26 de julho de 2018.

<sup>19</sup>As áreas urbanas sensíveis são territórios definidos, por decreto, pelas autoridades públicas como prioritários da política urbana. Segundo o Observatório Nacional da Política Urbana, "as Zus caracterizam-se pela presença de grandes complexos ou áreas de habitação degradadas e por um acentuado desequilíbrio entre habitação e emprego. Na maioria das vezes, trata-se de grandes grupos de habitação coletiva e social dos anos 1950 aos 70, onde os habitantes sofrem mais com exclusão e desemprego do que a média das outras aglomerações". Definição disponível em <http://www.onpv.fr/lexique#Z>. Acessado em: 29 de maio de 2018. A lista de Zus conta com 751 territórios que reúnem 4,7 milhões habitantes, ou cerca de 7, 5% da população francesa.

da diversidade nos programas ao passo que o artigo 50 defende a integração de populações estrangeiras que vivem na França por meio da difusão de programas que incluam informações sobre a sua vida cotidiana e promovam sua integração. Essas iniciativas assumem uma relevância especial quando se considera que a França é um país que, historicamente, apresenta determinadas barreiras institucionais relacionadas à sua tradição republicana de nação, que defende o igualitarismo e o universalismo, e tem dificuldade de reconhecer as diferenças culturais de sua população, ao contrário do que se observa em relação aos seus vizinhos anglo-saxões (JOUET; PASQUIER, 2008). Nesse cenário, a implementação desses compromissos se torna complexa, conforme se aborda a seguir.

### Diversidade étnico-cultural na prática jornalística

Segundo evidenciam os dados levantados nas entrevistas realizadas para esse artigo, na prática profissional os preconceitos parecem orientar as escolhas dos editores na medida em que costumam designar os jornalistas de origem imigrante prioritariamente para as editorias "imigração" ou "periferia". Essa iniciativa contribuiria para a estigmatização desses profissionais. Os meios de comunicação franceses seguem, em geral, esse tipo de orientação, como se houvesse jornalistas mais adaptados do que outros para trabalhar com um tipo específico de produção de notícias, conforme relata o jornalista entrevistado do *Le Monde*, Philippe Bernard:

*[Essa tendência] aumentou no período recente, porque [a imigração] era considerada um terreno desconfortável e um pouco perigoso. Na imprensa francesa, este tema tem sido frequentemente o berço de testes para jovens jornalistas de origem imigrante. É uma tentação para a qual o Le Monde não escapou completamente: se você é "bronzado", é melhor você fazer seu trabalho, passar despercebido, assim você será mais bem aceito, você entende coisas que os outros não entenderão. É como ter que ser padre para cobrir a religião (BERNARD, 2011).*

A tendência mencionada pelo jornalista Philippe Bernard está relacionada a certas estratégias das empresas jornalísticas que assumem que é cada vez mais difícil fazer reportagens nas periferias francesas onde moram grande parte das comunidades imigrantes. Essa dificuldade está relacionada à desconfiança de alguns habitantes das chamadas zonas urbanas sensíveis (ZUS<sup>19</sup>) em relação à maneira pela qual os jornalistas falam de seus bairros, tratando-os, por exemplo, como "zonas de guerra". Assim, segundo essa lógica, um jovem jornalista de origem estrangeira poderia circular nesses bairros mais facilmente. Essas estratégias também dependem dos compromissos da Carta da Diversidade que aconselham as empresas a refletirem a diversidade da sociedade francesa entre seus funcionários. Diante desse cenário, o recrutamento de jornalistas com origem estrangeira se torna uma questão complexa condicionada, por um lado, por essa constatação da ausência de diversidade no âmbito da produção jornalística e, por outro lado, pela realidade de que as organizações midiáticas tendem a identificar e circunscrever o âmbito temático de atuação dos jornalistas de origem imigrante.

Além dessa tendência, o processo de contratação continua sendo um grande obstáculo para a diversificação das redações. Alguns jornalistas franceses que entrevistamos confirmam essa observação. Laurent Gallien, jornalista da *Radio France Bleue Isère*, ressalta a ausência na redação de "alguém de origem operária, por exemplo, ou alguém do bairro de periferia, como a Villeneuve" (GALLIEN, 2011)<sup>20</sup>. Para o jornalista, essa ausência decorre da contratação de profissionais cada vez mais vinculada à aquisição de um diploma emitido por uma escola (écoles) de jornalismo, o que tem contribuído para a homogeneidade que domina os processos de recrutamento de jornalistas por setores midiáticos. De fato, a proporção de estudantes de jornalismo das categorias sociais mais baixas nas organizações midiáticas francesas é muito menor (10,4% para filhos de pais operários e 5,8% empregados) do que a de alunos que são filhos de pais que ocupam cargos de gerência ou membros de profissões intelectuais

(52,7%) (LAFARGE; MARCHETTI, 2011). Além disso, as altas taxas de matrícula e os exames de admissão nas *écoles* são obstáculos significativos. Nem todas as escolas secundárias na França incluem uma classe preparatória para ingresso nas chamadas “grandes escolas”, refletindo, assim, as desigualdades encontradas no próprio espaço social francês.

A questão educacional também aparece no relatório da Fundação Franco-Americana, abordado no começo deste artigo. Os jornalistas criticam o acesso desigual ao sistema educacional francês, especialmente no que se refere ao acesso de estudantes de famílias estrangeiras às escolas e universidades, segundo aparece registrado em um dos trechos do relatório:

*Além de afirmar que os executivos de mídia devem se esforçar para aumentar a diversidade em suas organizações, os participantes acharam essencial que as universidades diversificassem seus corpos estudantis, recrutando mais alunos de comunidades minoritárias. A discussão se voltou para como a discriminação geralmente começa nas escolas, onde muitos estudantes de origem imigrante são colocados em caminhos em que nunca os levarão a carreiras no jornalismo profissional. Os participantes concluíram que uma revisão completa do processo de recrutamento de novos jornalistas é necessária para resolver esse problema<sup>21</sup> (MEDIA, 2011, p. 18, tradução nossa).*

Como podemos observar, o relatório circunscreve a questão da ausência de diversidade étnico-cultural à perspectiva de atuação profissional no âmbito interno às organizações midiáticas, minimizando a dimensão externa de interação com a realidade que constitui a lógica jornalística. Uma análise mais aprofundada das implicações da inclusão de profissionais de origem imigrantes no universo do jornalismo pode revelar, no entanto, os obstáculos relacionados ao próprio funcionamento da mídia. Contratar pessoas com origem estrangeira pode, por exemplo, acarretar “problemas” entre os próprios jornalistas, seus interlocutores (autoridades públicas, polícia) e seus leitores. Do nosso corpus com artigos de jornais, um em especial chama atenção já que evidencia essa perspectiva. Em, 2009, Mustapha Kessous, jornalista de origem estrangeira no *Le Monde*, escreve um artigo em que relata as dificuldades que encontrou durante realização de reportagens devido às suas origens argelinas. No trecho abaixo, o jornalista destaca o fato de que um jornalista “árabe” ter feito reportagens nas periferias seja mal visto por alguns leitores e colegas, como, por exemplo, o clube *Averroès*<sup>22</sup>, fundado para profissionais da mídia com o objetivo de promover a diversidade nesse setor:

*Quando o jornal me pediu para cobrir a revolta das periferias em 2005<sup>23</sup>, um membro do clube Averroès, que deveria promover a diversidade, acusou o Le Monde de contratar “fixadores”, os chamados guias que os jornalistas pagam em zonas de guerra. Eu sou apenas o álibi de um jornal “moralista”, “o árabe de serviço”, como ouvi tantas vezes. Na Web, sites de extrema-direita atacam o “imundo” jornal de referência que recrutou um “magrebino” para falar sobre as periferias (KESSOUS, 2009, on-line, tradução nossa).*

No entanto, Mustapha Kessous diz que nunca viveu em bairros de periferia. Quando chegou à França em 1977 com sua mãe, foi morar em um bairro localizado no centro de Lyon, onde sua família era uma das poucas famílias magrebinas a residir no bairro. Kessous menciona os vários preconceitos que enfrenta e que permeiam diferentes esferas de sua atividade como jornalista. Entre as situações profissionais “embaraçosas” que já experimentou, uma está relacionada a uma entrevista que realizou com o Ministro Brice Hortefeux, do Ministério da Imigração, Integração, Identidade Nacional e Desenvolvimento solidário entre 2007 e 2009.

*Brice Hortefeux tem muito humor. Eu sei disso, ele fez uma piada para mim um dia. Quinta-feira, 24 de abril de 2008. O Ministro da Imigração e da Identidade Nacional me recebe em seu majestoso escritório. Uma reunião para falar sobre greves dos imigrantes chamados “sem documentos” nas empresas. Eu nunca o encontrei. Esperei por ele com minha colega, a jornalista Laetitia Van Eeckhout. Brice Hortefeux chega, estende a mão, sorri e solta: “Você está com seus documentos?” (KESSOUS, 2009, online, tradução nossa).*

<sup>20</sup>*Periferia situada na cidade de Grenoble, onde o entrevistado trabalha.*

<sup>21</sup>*No original: In addition to asserting that media executives must strive to increase diversity in their organizations, participants thought that it was essential for universities to diversify their student bodies by recruiting more students from minority communities. Discussion turned to how discrimination often begins in schools, where many students of immigrant origin are placed on tracks that will never lead them to careers in professional journalism. Participants concluded that a thorough review of the entire pipeline for the recruitment of new journalists is necessary in order to address this problem.*

<sup>22</sup>*O Club Averroès (homenagem ao filósofo do século XII de mesmo nome) foi criado em 1997 e reúne mais de 400 profissionais da mídia. Também publica relatórios anuais sobre a representação das minorias nos meios de comunicação (canais de televisão, a cabo, imprensa, rádio, publicidade, cinema). Disponível em: <http://www.clubaverroes.com/>. Acesso em: 25 de março de 2018.*

<sup>23</sup>*Em outubro de 2005, um grupo de adolescentes de Clichy-sous-Bois, periferia de Paris, retornando de um jogo de futebol, é perseguido pela polícia. Os policiais suspeitam que eles tenham cometido assaltos em um terreno vazio perto do campo onde jogavam. Dois desses jovens (um filho de pais malinenses, o outro de pais tunisianos) refugiam-se no telhado de um transformador elétrico EDF (Empresa de Electricidade da França) e morrem eletrocutados. Muitos moradores da região, assim como de outras cidades, fizeram manifestações para denunciar a atuação*

A segunda situação profissional lembrada por Kessous ocorreu em uma escola de Jornalismo, segundo relata o jornalista no mesmo artigo:

policia. Durante esses eventos, o Ministro do Interior da época, Nicolas Sarkozy, faz um pronunciamento e apresenta esses jovens como “ladrões” que fugiam da polícia. Sobre esse incidente, há reflexões produzidas como as de Hadj e Beaud (2010).

No dia 21 de dezembro de 2007, terminei uma aula de aperfeiçoamento em uma escola de jornalismo. No encerramento do treinamento, o júri, formado por profissionais, me faz perguntas engraçadas: “Você é muçulmano?” O que você acha da nomeação de Harry Roselmack [jornalista e apresentador de televisão cujo país são da Martinica]? Se você está no Le Monde, é porque eles precisavam de um árabe?” (KESSOUS, 2009, online, tradução nossa).

Essas observações revelam que profissionais de mídia reproduzem estereótipos em relação à temática da migração e das populações e bairros de ZUS no marco de uma dinâmica de constituição de um “imaginário social” (CASTORIADIS, 1975, p. 208) midiático que resulta na associação de jovens imigrantes ou descendentes de imigrantes aos subúrbios. Nesse sentido, observamos como os próprios jornalistas colaboram para a atualização e sedimentação de um imaginário social mais amplo sobre a questão da imigração, ao considerar os franceses descendentes de imigrantes mais como imigrantes do que como cidadãos franceses ou, ainda, associá-los diretamente à periferia.

### Considerações finais

Este artigo demonstrou, por meio de um exemplo francês, a pertinência de se refletir sobre políticas de regulação desenvolvidas pelo CSA (Conselho Superior de Audiovisual) no contexto francês. Mesmo diante de iniciativas que contribuem para a diversidade étnico-cultural nos meios de comunicação, observamos que existem limitações que dificultam uma maior presença de minorias nas redações. Isso porque as políticas de apoio à diversidade são tensionadas pelo *imaginário social midiático* sobre a presença de descendentes de imigrantes nas redações e no tratamento da “realidade”. Eles costumam ser empregados para tratar temas específicos, como os relativos às periferias, como se fossem mais aptos do que os franceses filhos de franceses. Sendo assim, jornalistas de origem estrangeira acabam sendo estigmatizados por lógicas internas relativas ao próprio exercício do jornalismo. As entrevistas com jornalistas e a análise das atividades voltadas para a diversidade no jornalismo da Fundação Franco-Americana (*French-American Foundation*) demonstraram, dessa forma, a complexidade da questão da diversidade nas redações na França. Essa complexidade vai além das questões externas ao espaço jornalístico, como a lógica econômica das organizações, dizendo respeito também a um tipo de ordenamento simbólico e político de inserção desigual das chamadas minorias imigrantes na sociedade francesa.

Se, por um lado, observamos a institucionalização de iniciativas voltadas para as diversidades étnico-culturais nos meios de comunicação franceses – através de políticas públicas, da promoção de conferências-debate sobre o tema imigração e da criação de um Prêmio “Jornalismo da Imigração” –, por outro lado podemos observar diferentes lógicas sócio-profissionais que exercem múltiplas “pressões” nas empresas jornalísticas.

O reconhecimento dos diferentes componentes da sociedade é um dos papéis da mídia. No entanto, não é uma perspectiva suficiente para promover a diversidade social, uma vez que há obstáculos no interior das próprias organizações midiáticas, como buscamos refletir nesse artigo. Além disso, os limites, muitas vezes, vão além do setor midiático se considerarmos que as relações de poder que se estabelecem no cotidiano dessas organizações estão profundamente vinculadas às dinâmicas sociais externas a elas.

## Referências bibliográficas

BERNARD, Philippe [15/02/2011]. Entrevistadora: [Paula de Souza Paes]. Paris, França: redação do jornal Le Monde. 1 arquivo.mp3.

BOURDIEU, Pierre. Espace social et genèse de classes. **Actes de la recherche en sciences sociales**, nº 52-53, 1984, p. 3-14.

BOUVIER, Gérard. **Vue d'ensemble, Les descendants d'immigrés plus nombreux que les immigrés**: une position française original en Europe. Insee Référence, Edition 2012.

CASTORIADIS, Cornélius. **L'institution imaginaire de la société**. Paris: Editions du Seuil, 1975.

CHAMPAGNE, Patrick. La construction médiatique des malaises sociaux. **Actes de la recherche en sciences sociales**, nº 90, 1991, p.64-76.

CHARETON, Thibault [21/11/2011]. Entrevistadora: [Denise Cogo]. Grenoble, França: por telefonena associação **French American Foundation**. 1 arquivo.mp3.

COLLOVALD, Annie. Des désordres sociaux à la violence urbaine. **Actes de la recherche en sciences sociales**, nº 136-137, 2001, p. 104-113.

DE SOUZA PAES, Paula. **La communication publique et les pratiques journalistiques au prisme des mutations sociales**: la question de l'immigration en France (1980-2010). 2014. 486f. Tese (Doutorado em ciências da informação e da comunicação) - Universidade Grenoble 3-Stendhal, Grenoble, 2014.

GALLIEN, Laurent [21/11/2011]. Entrevistadora: [Denise Cogo]. Grenoble, França: redação da rádio Radio France Bleue. 1 arquivo.mp3.

HADJ, Belgacem Samir ; BEAUD, Stéphane. Compréhension et distanciation. Paroles de jeunes sur les émeutes de novembre 2005. *In*: **Les nouvelles frontières de la société française**, Didier Fassin (org.), Paris, La Découverte, 2010.

KESSOUS, Mustapha. Moi, Mustapha Kessous, journaliste au Monde et victime du racisme. **Le Monde**, 23 de setembro de 2009.

LAFARGE, Géraud; MARCHETTI, Dominique. Les portes fermées du journalisme, l'espace social des étudiants des formations reconnues. **Actes de la recherche en sciences sociales**, nº 189, 2011, p. 72-99.

JOUET, Josiane; PASQUIER, Dominique. Présentation. **Réseaux**, nº 107, 2001, p. 9 – 15.

LEMIEUX, Cyril. **Mauvaise presse**. Paris : Editions Métailié, 2000.

MACE, Éric. **Représentation de la diversité dans les programmes de télévision**. Synthèse du rapport remis à l'observatoire de la diversité dans les médias audiovisuels du Conseil supérieur de l'audiovisuel, le 10 octobre 2008.

MEDIA and immigration. **An international dialogue organized by the French-American Foundation** – United States, French-American Foundation-United States, Maya Press, 2011.

NEVEU, Erik. **Sociologie du journalisme**, Paris, La Découverte « Repères », 2009.

VINCENTE, Elise. **Au bon pain de Tataouine**. Le Monde. 26 de junho de 2012.